



libertárias¹

*flávia lucchesi, helena wilke,
gustavo simões & lúcia soares*

um anarquista

Acácio:

“Ser governado significa ser vigiado, inspecionado, espiado, dirigido, valorado, pesado, censurado, por pessoas que não têm o título, nem a ciência, nem a virtude. Ser governado significa, por cada operação, cada movimento, cada transação, ser anotado, registrado, listado, tarifado, carimbado, apontado, coisificado, patenteado, licenciado, autorizado, apostrofado, castigado, impedido, reformado, alinhado, corrigido. Significa, sob o pretexto da autoridade pública, e sob o pretexto do interesse geral, ser amestrado, esquadrinhado, explorado, mistificado, roubado; ao menor sinal de resistência, ou a primeira palavra de protesto, ser preso, multado, mutilado, vilipendiado, humilhado, golpeado, reduzido ao mínimo sopro de vida, desarmado, encarcerado, fuzilado, metralha-

Flávia Lucchesi é mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol. Contato: flalucchesi@gmail.com. Helena Wilke é mestranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol. Contato: lenabrw@gmail.com. Gustavo Simões é doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol. Contato: gusfsimoes@gmail.com. Lúcia Soares é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol. Contato: luciathunder@yahoo.com.br.



do, condenado, deportado, vendido, traído e como se isso não fosse o suficiente, desarmado, ridicularizado, ultrajado, burlado. Isto é o governo, esta é sua justiça, esta é a sua moral”².

Sofia:

“O problema não é saber como seremos melhor governados, mas como seremos mais livres”³.

outros espaços

Flávia:

“Há escritas que inventam preciosas reviravoltas em seus redatores.

Mayara:

(...) [Mas,] de qualquer maneira, por um instante, qualquer pessoa é ou já foi um escritor,

Lúcia:

mesmo que isso tenha se passado somente na memória de cada [um] (...), escritas no pensamento durante o trajeto [a pé, de barco,] de ônibus ou trem.

Flávia:

(...) A obra, a existência da pessoa, um fragmento capaz de gerar transgressões, acontecimentos assim, acompanham os libertários em suas experimentações”⁴.

Helena:

O libertário “é um andarilho, não se estabelece em nenhum lugar, o mundo é para ser atravessado, sem passaportes, desvencilhado de uma identidade”⁵.

Lúcia:

Para um libertário, “a vida está em fazer acontecer no instante e não na utopia”⁶.



Sofia:

“(…) em qualquer cultura, em qualquer civilização, [há] lugares reais, lugares efetivos, (…) espécie de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, (…) lugares que estão fora de todos os lugares (...), eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias”⁷.

Flávia:

“Sendo utópicos (...) os anarquistas constroem [suas] heterotopias [libertárias]”⁸.

Gus:

“[As] heterotopias mostram as utopias no presente como o atual dessacralizado que pode ocorrer num local ou num percurso.

Helena:

(...) conjugam o próximo e o longínquo,

Flávia:

e também o disperso.

Gus:

(...) [Dessacralizam] o espaço privado e público, cultural e útil, familiar e social, de lazer e de trabalho.

Bia:

(...) O barco [, no passado,] foi (...) [o que] melhor traduziu as heterotopias, deslocando[-se] pelos mares até continentes, arquipélagos, ilhas (...).

Sofia:

O barco levava para outros espaços”⁹.

Gus:

Por meio de barcos, encontros entre homens e mulheres, em lutas e prazeres, o anarquismo, “que teve início na metade do



século XIX, conseguiu proliferar sobre uma base bastante frágil na Suíça, Itália e Espanha, até chegar a ser conhecido praticamente em todo lugar habitado do planeta”¹⁰.

Sofia:

Anarquismo não é uma unidade; só existem anarquismos. O ideal da nova sociedade futura, a utopia de muitos, convive com a invenção das novas liberdades no presente para cada um. Utópicos e heterotópicos!

diante das revoluções

Mayara:

Na década de 1850, “a palavra libertário foi inventada por [um francês que vivia nos Estados Unidos,] Joseph Déjacque, ao situar suas considerações [críticas] a respeito de certos escritos de Proudhon (...)”¹¹. A anarquia já se instaurava como múltipla e antidogmática.

Leandro:

Déjacque “fundou o jornal *Le libertaire*, no qual se posicionava contra a propriedade, a escravidão,

Bia:

a condição dos indígenas, o confinamento da loucura,

Flávia:

noticiava o movimento social europeu, antecipava o feminismo anarquista e defendia a associação de indivíduos livres”¹². Libertário, obviamente, não é sinônimo de liberal. Tampouco de neoliberal.

Mayara:

No início da década de 1870, Mikhail Bakunin “procurou distinguir as práticas anarquistas como socialismo libertário em contraposição ao socialismo científico por ele considerado o socialismo autoritário”¹³.



Leandro:

Esta salutar distinção foi efeito direto das práticas experimentadas na Comuna de Paris.

Flávia:

“Ali habitavam os efeitos da Internacional de Trabalhadores, com as inspirações proudhonianas mutualistas e federalistas, os efeitos das várias facções [socialistas e] o embate entre anarquistas, dentre os quais se destacavam Bakunin e Élisée Reclus, e a vertente partidária revolucionária de Karl Marx.

Bia:

(...) [Na Comuna,] foi marcante a presença de Louise Michel, uma mulher arrojada e delicada, poeta, educadora e também enfermeira, que veio do blanquismo, fez uma reviravolta sobre si durante os acontecimentos, propôs a célebre bandeira negra anarquista”¹⁴.

Mayara:

Em 1895, Louise Michel, junto com Sébastien Faure, iniciou a publicação de *Le Libertaire*, o periódico anarquista de maior longevidade no século XX.

Bia:

“Esta nova palavra reapareceu e ganhou sua dimensão histórica como sinônimo de anarquia, (...) quando os anarquistas ficaram sob a vigilância redobrada pelo Estado e foram identificados como terroristas (...).

Todos:

O anarquista é o libertário”¹⁵.

Gus:

Antes do alerta de Bakunin, Proudhon, ao escrever sobre a revolução a partir dos acontecimentos da Revolução Inglesa e da Francesa, concluiu que seu principal legado é a autoridade.



Sofia:

“O que Proudhon postula é uma outra revolução capaz de gerar um regime econômico e industrial que será o contrário de um regime governamental (...). É uma revolução que não tem fim, permanente, com resultados irreversíveis”¹⁶.

Gus:

A noção “revolução permanente” foi sequestrada décadas mais tarde por Trotski, ocultando Proudhon. Veja só como são as coisas... Quando Trotski passou para o lado dos bolchevistas, esqueceu essa tese. Mais tarde, retomou a noção argumentando fazer parte de uma metodologia a ser adotada pelos discípulos de Marx e de Lênin contra o stalinismo.

contra a guerra

Bia:

“Como a guerra, a revolução pode ser comparada com um caso de febre: a doença se comporta da mesma maneira todas as vezes. Após a febre baixar, o paciente retorna ao seu estado anterior”¹⁷.

Leandro:

Proudhon foi “literal ao afirmar que os Estados são formados pela guerra, mantidos pela guerra e articuladores de uma forma determinada de guerra que é infundável se [forem] mantidas (...) as condições para ela (...);

Sofia:

o que nos levaria à conclusão de que não haveria jamais uma paz, entendida como o fim das guerras atrozes, enquanto não houvesse uma transformação profunda nos costumes e nas formas de organização econômica e política das coletividades”¹⁸.

Mayara:

Os anarquistas constituem a mais ferrenha resistência ao



Libertárias

militarismo. Porém, um episódio ocorrido em 1916 abalou temporariamente tal convicção.

Flávia:

No final de fevereiro, com a justificativa de combate ao Império alemão, um grupo de anarquistas manifestou apoio aos Aliados no jornal sindicalista *La Bataille*.

Mayara:

Frente ao que ficou conhecido como “Manifesto dos 16”, anarquistas de vários cantos do planeta reiteraram a aversão da anarquia à guerra.

Sofia:

Entre os inúmeros libertários que se mantiveram firmes na perspectiva antimilitar, destacaram-se artistas, como o neo-impressionista Paul Signac, e Errico Malatesta, que rompeu com seu amigo Piotr Kropotkin por este ter participado da redação do “Manifesto dos 16”.

Gus:

Imediatamente, redigiram o “Manifesto Antimilitarista”, publicado no jornal *Freedom*.

Todos:

“Nossos companheiros foram, são e sempre serão mais energicamente contra a guerra”¹⁹.

Gus:

“Muitas vezes, na vida política, os extremos se tocam, mas só quando existem pontos de atração comuns, que, em certas circunstâncias, se orientam na mesma direção.

Leandro:

Todas as reformas de Napoleão foram produto de uma atmosfera de quartel. O comunismo igualitário de Babeuf, Buonarroti e de toda a escola posterior de babeufistas, obedecia a idênticas premissas.



Bia:

É o parentesco íntimo do pensamento e do sentimento que leva adiante tais alianças.

Sofia:

O pacto entre jacobinos e bonapartistas na época da Restauração; a adesão que Lassale buscou em Bismarck, e que não encontrou, porque não tinha atrás de si nenhuma potência equivalente; a aliança entre Stalin e Hitler, que se converteu na causa imediata da guerra mundial (...), tudo isso só se pode compreender assim [, pelo parentesco íntimo entre sentimento e pensamento].

Flávia:

Em todos esses casos se trata de determinadas consequências de princípios absolutistas idênticos, embora sob diferentes formas.

Mayara e Lúcia:

Quem não compreender essas relações internas nada lhe poderá revelar a História”²⁰.

Sofia:

Precisamente por se tratar de um embate da maior seriedade, contra a guerra os anarquistas não raras vezes usaram o humor como forma de resistir.

Lúcia:

Roberto Freire, quando questionado sobre a guerra, lembrou do terrorismo anarquista e provocou:

Gus:

“A bomba que eu gostaria de lançar é a bomba anárquica. (...) A bomba atômica mata. A bomba anárquica faz todo mundo gozar. É uma bomba que provoca a alegria, prazer de estar com os outros (...). Queremos gozar. Queremos que todos gozem (...). Está tudo pronto para essa bomba. É só sermos mais radicais e terroristas. No sentido da bomba orgástica, da bomba anárquica”²¹.



revolta (estranhas estrelas)

Leandro:

“Teoricamente, a palavra revolução conserva o sentido que tem em astronomia. É um movimento que descreve um círculo completo, que passa de um governo para o outro após uma translação completa. (...) Nisso a revolução já se distingue do movimento de revolta”²².

Bia:

A revolta “parte da insatisfação do homem consigo mesmo, não é um levante coletivo, mas uma rebelião do indivíduo.

Sofia:

(...) Não é uma luta contra o *status quo*, uma vez que, desde que ela floresça, o *status quo* entra por si próprio em derrocada (...).

Flávia:

Se eu abandonar a situação vigente, ela morre e apodrece.

Leandro:

(...) A revolução exige a criação de instituições, a revolta faz com que o indivíduo se eleve ou se rebele”²³.

Gus:

“E porque o homem se rebela é em definitivo sem explicação, é preciso um dilaceramento que interrompa o fio da história e suas longas cadeias de razões, para que um homem possa, ‘realmente’, preferir o risco da morte à certeza de ter de obedecer”²⁴.

Sofia:

“Uma postura realista exige não apenas que desistamos de *esperar* pela ‘Revolução’, mas também que desistamos de *desejá-la*”²⁵.



Leandro:

Por conta da definição astronômica relacionada à revolução, palavras como

Sofia e Leandro:

“revolta”, “levante” ou “insurreição”,

Leandro:

ainda são vistas por homens alinhados à História como fracassos, pois, segundo eles, são movimentos que não chegaram a terminar seu ciclo, a trajetória padrão, a síntese.

Mayara:

Pouco antes da queda do muro de Berlin, Hakim Bey atualizou práticas libertárias propondo um novo conceito.

Leandro:

“O conceito da TAZ [Zonas Autônomas Temporárias] surge inicialmente de uma crítica à revolução, e de uma análise do levante”²⁶.

Flávia:

“A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, *antes* que o Estado possa esmagá-la”²⁷.

Bia:

Há vários exemplos de TAZ na chamada História do anarquismo, em comunas tais como a Modern Times, nos anos 1840, na América do Norte, os vários falanstérios, a Colônia de Cecília, no final dos anos 1880, no Paraná.

Acácio:

Parênteses! O Imperador Pedro II, após a abolição da escravidão assinada por sua filhinha Isa, foi para a Europa recrutar imigrantes para ocuparem terras na lavoura do



Libertárias

Brasil. Em uma dessas terras, Giovanni Rossi realizou a experimentação da Colônia de Cecília.

Mayara:

“Algumas [dessas experiências] não pretendiam durar ‘para sempre’.

Leandro:

(...) [Na segunda metade do século XIX], as comunas de Paris, Lion e Marselha não sobreviveram o suficiente para criar qualquer característica de permanência, e nos perguntamos se elas foram criadas para serem permanentes”²⁸.

Bia:

Pois é, por serem andarilhos e não esperarem por revolução, “os anarquistas adquiriram a prática do nomadismo”²⁹, habitando revoltas e mais revoltas.

Leandro:

Além e aquém da astronomia, “esses nômades orientam seus percursos por estrelas estranhas”³⁰.

é preciso escandalizar!

Gus, Leandro e Acácio:

“Obedeça aos seus porcos que existem. Eu me submeto aos meus deuses que não existem. Permanecemos gente de inclemência”³¹.

Mayara:

Para os anarquistas, educação não é sinônimo de escola.

Sofia:

Em 1913, ao receber um comunicado oficial de que cometia várias infrações ao código de ensino estatal francês, que exigia a obrigatoriedade escolar e a laicidade no ensino estatal primário, o anarquista Sébastien Faure afirmou:



Bia:

“*La Ruche* não é (...) uma escola (...) [porque não tem] alunos e professores, onde uns, que nada saberiam, escutariam o detentor do conhecimento.

Mayara:

(...) *La Ruche* não era pautada nem pelo Estado e muito menos por um dogma religioso. Mas transpunha o espaço escolar ao pôr as crianças em contato com várias formas de educação experimentadas de maneira autogestionária, como as viagens, as conversas e as festas”³².

Flávia:

“É melhor – se de ser melhor se trata – ser uma criança malcriada do que demasiado sensata; é melhor ser rebelde do que estar disposto a aceitar tudo”³³. Quase tudo.

Bia:

“É por meio da criança que se deve seguir o desenvolvimento do adulto (...).

Lúcia:

Todas as instituições de nossos dias, a família, o Estado, ou códigos morais, veem em cada personalidade forte, bela e obstinada, um inimigo mortal”³⁴.

Leandro:

Sébastien Faure não esperou pela revolução. Inventou, no presente, um modo liberador na lida com as crianças.

Mayara:

Íncorporou as práticas de Paul Robin no Orfanato de Cempuis, onde aconteceu pela primeira vez uma educação livre e antiautoritária com meninos e meninas juntos.

Leandro:

Faure conheceu, também, as práticas da Escuela Moderna de Ferrer i Guàrdia, de Barcelona, e articulou algumas de-



Libertárias

las à *La Ruche*. Ferrer i Guàrdia era um republicano que foi executado pelo Estado.

Bia:

“O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas”³⁵.

Todos:

“É preciso escandalizar (...)

Gus:

as transformações sociais, políticas, econômicas, morais e filosóficas, as revoluções, as ascensões dos plebeus, dos escravos, produzem-se pelo escândalo”³⁶.

muitos

Sofia:

“Não há como dizer que o anarquismo é isto ou aquilo. Ele é isto e aquilo como realização de supressão de poderes centralizados”³⁷.

Mayara:

Entre os quase um milhão de endereços relacionados ao anarquismo na internet, encontramos:

Leandro:

Anarquistas coletivistas, revolucionários,

Sofia:

Individualistas, verdes,

Mayara:

Mutualistas, naturistas,

Sofia:

Pacifistas, comunistas,



Mayara:

Primitivistas, sindicalistas,

Sofia:

queers, feministas,

Mayara:

anarquistas pós-anarquismos, terroristas.

Leandro:

“Não há, nem pode haver, um credo ou catecismo libertário. (...) Ao mesmo tempo, pode haver, e realmente há, muitos tipos de anarquistas, mas todos têm uma característica comum que os distingue do resto da humanidade[:]

Lúcia:

(...) a [recusa] da Autoridade nas organizações sociais e a [repulsa] a tudo que origina instituições baseadas nesse princípio”³⁸.

Mayara:

“Sol, lua, astros, planetas (...)

Bia:

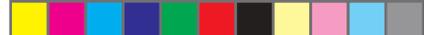
não se vislumbra – qualquer autoridade que os controla e regula, são efetivamente um caos auto-organizado, prescindindo de deuses, de amos ou de outras causalidades externas

Sofia:

(...) A anarquia nunca poderá ser um modelo, doutrina ou dogma, na medida em que cada indivíduo é único na sua probabilidade de liberdade, de auto-governo, não sendo possível transformá-lo em regularidade normativa em qualquer contexto grupal, organizacional ou societal”³⁹.

Flávia:

Os anarquistas foram os primeiros a inventar o indivíduo



Libertárias

como alguém liberado do governo, do Estado, da política, dos contratos.

Sofia:

“O individualista (...) ama a vida e a coragem.

Gus:

(...) O individualista é uma pessoa apaixonada.

Flávia:

(...) Ele não é nem jovem e nem velho. Tem apenas a idade que sente ter.

Mayara:

(...) Sabe amar e sabe como se rever e mudar.

Sofia:

(...) Ele se dá forma, esculpe a si mesmo (...). Ele se retira da sociedade e esbanja-se sobre ela.

Leandro:

Um artista, não um funcionário.

Mayara:

Uma pessoa generosa, sensível e sensual. Tem sede de novas experiências e sensações frescas⁴⁰.

amor libertário

Bia:

“A expressão *amor livre* hoje eivada de conotações pejorativas, se confunde com a *amizade colorida* dos anos [19]70,

Lúcia:

[ou com o caô do momento: poliamor],

Mayara:

por isso preferimos a expressão *amor libertário*⁴¹.



Helena:

“Buenos Aires, 3 de dezembro de 1928.
Ao camarada Émile Armand. (...)”

Flávia:

Meu caso, camarada, pertence à ordem amorosa. [Meu nome é América Scarfó, tenho 16 anos.] (...) Conheci um homem, um companheiro de ideias. Segundo as leis burguesas, ele está *casado*. (...) Pensávamos, no começo, que [nosso amor] seria impossível. (...) A mulher dele – apesar de seu relativo conhecimento – simpatiza com nossas ideias. (...) Aqui, em Buenos Aires, certos camaradas têm uma ideia verdadeiramente exígua do amor livre. Imaginam que este consiste em coabitar sem estar casado legalmente e, enquanto isso, em seus lares perpetuam os ridículos e os preconceitos próprios dos ignorantes. (...) Nos tratam de degenerados, de enfermos e outros qualificativos similares. (...) Por ter lido muitos de seus artigos e estar de acordo com seus vários pontos de vista, gostaria de conhecer sua opinião⁴².

Helena:

20 de janeiro de 1929, jornal *L'en dehors*, Paris:

Gus:

“Você está intimamente de acordo com sua concepção pessoal de vida anarquista? Se estiver, ignore os comentários e insultos dos outros e siga o seu caminho⁴³.”

Helena:

Em 1934, o anarquista individualista Han Ryner, escreveu:

Leandro:

“Várias legislações condenam o amor homossexual, que é recebido com zombaria ou severidade pela opinião pública. (...) Hoje não se usam mais fogueiras. Por vezes ainda se mata sorrateiramente⁴⁴.”

Helena:

Nos anos 2000, *queers* libertários publicaram o fanzine *Ultraviolence*:



Libertárias

Flávia:

“Agora os gays não criticam o casamento, o exército, nem o Estado. Realizam campanhas para poder participar de tudo isso”⁴⁵.

Lúcia:

Diante do movimento gay normalizador, inventaram o *Bash Back*.

Gus:

Mas o que é *Bash Back*?

Flávia:

Bash back é uma prática de “autodefesa em caso de acossamentos; [é o ataque a] grupos fascistas e à polícia”⁴⁶. “[É] um ato, [que] significa a inversão dos fluxos de poder e violência; significa interromper o super-normal com situações de revolta impensáveis”⁴⁷.

Helena:

2014, *cuir*s libertárias da Manada de Lobxs, Buenos Aires:

Leandro:

“Contra o Estado que parasita em mim, contra o trabalho ao qual se obriga o meu corpo (...), contra as totalizações, opomos a alegria da anarquia, isto é, a amizade-animalidade política... Contra a heterossexualidade como regime político.

Todos:

Au-Au”⁴⁸.

escritos anarquistas

Gus:

Ética e estética não estão apartadas. O que se escreve, como se escreve, faz parte do modo pelo qual cada libertário inventa a sua existência.



Bia:

Muitos anarquistas morreram sem deixar sequer breves linhas. Entretanto, suas vidas foram escritas explosivos, fogos de artifícios, modos de atizar a continuidade do fogo. Magníficos anônimos.

Gus:

Inventaram, na Revolução Espanhola, um novo artefato. Era uma garrafa com querosene vedada com um pano comum. Quando aceso e atirado contra a força repressiva, espalhava fogo.

Bia:

Anos mais tarde, os trabalhadores finlandeses voltaram a usar essa arma-fogo contra a polícia stalinista chefiada pelo Ministro da Defesa Molotov. Polícia e Ministro eram o alvo, e o instrumento incendiário, desde então, passou a chamar-se “coquetel Molotov”.

Mayara:

Para encontrar um tanto dessas histórias extraordinárias não é suficiente navegar pelos sites de busca da internet.

Sofia:

Embora anarquistas hoje naveguem pela rede, descobrindo outros mares e ares de quem está sempre em movimento, é preciso vasculhar em arquivos empoeirados em lugares onde histórias infames e anônimas repousam à espera de algum pesquisador selvagem,

Leandro:

disposto a encontrá-las em documentos desgastados;

Gus:

correspondências com destino a outros continentes e, sobretudo, em periódicos e jornais anarquistas.



Libertárias

Flávia:

Os anarquismos não exigem autorias. Seus redatores apenas transcrevem os efeitos de combates; não são vanguardas.

Leandro:

Não criam teorias, mas produzem análises das batalhas.

Todos:

A vida é uma batalha!

Lúcia:

“O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará”⁴⁹.

imprensa libertária

Helena:

Guglielmo Marroco, jornal *O Amigo do Povo*, 1902:

Gus:

“Somos anarquistas porque queremos que cada homem (e dizendo homem incluímos também a mulher, pois que nós queremos a igualdade para todos, homens e mulheres) pense com sua cabeça, (...) [labore] segundo sua vontade, e que ninguém se imponha nem tampouco suporte imposições de parte do outro. (...) Assim, para nós, o governo sob qualquer forma exteriorizado – seja ainda encapotado à socialista –

Todos:

é a ‘fraude’!

Gus:

E o [seu] princípio (...) é contra a razão, a justiça e a natureza”⁵⁰.

Helena:

1936, Catalunha, Espanha:



Sofia:

“Desde muito jovens, sofriamos olhando os rostos, prematuramente envelhecidos, de nossas mulheres do povo.

Lúcia:

[Naquela época] (...) classificávamos as mulheres em classes, não obstante, salvo raras exceções, descobrimos em todas alguma condição comum: a ignorância e a escravidão.

Mayara:

A ignorância nas classes elevadas cobria-se superficialmente com um verniz de conhecimentos desnecessários: a escravidão disfarçava-se para elas com um sorriso de condescendência ou com uma reverência galante e hipócrita.

Bia:

(...) Começávamos a sonhar com a emancipação feminina.

Helena:

(...) No mês de maio (...) nascia a revista *Mujeres Libres*.

Bia:

(...) Pretendíamos dar ao substantivo ‘mujeres’ todo um conteúdo que reiteradamente lhe havia sido negado (...).

Flávia:

Ao associá-lo ao adjetivo ‘libres’, além de nos definirmos absolutamente independentes de toda seita ou grupo político, buscávamos a reivindicação de um conceito

Todos:

– mulher livre –⁵¹.

Lúcia:

“É nisso que nós nos distinguiremos daquelas que reivindicam o feminismo e que não questionam os fundamentos dessa sociedade”⁵². *Mujeres Libres* na Espanha, Maria Lacerda de Moura e Antônia Soares no Brasil.



Libertárias

Helena:

Jornal *A vida*, fevereiro de 1915:

Gus:

“Muitos alcoólicos se tornaram tais levados pela tristeza, pelo desgosto e também pela pulhice. Supõem afogar no copo os males que lhe pesam na vida”⁵³.

Mayara:

Nos primeiros anos do século XX, os vários periódicos anarquistas produzidos no Brasil combateram todas as formas de lazer incentivadas pelo Estado, desde o futebol até o carnaval.

Bia:

Neste momento, o bar, “antro do vício”, foi criticado por entorpecer os operários, apaziguar, entre os homens, o interesse pela emancipação social.

Sofia:

Mesmo frente a tal campanha, alguns libertários dedicaram-se com afinco aos prazeres etílicos. Ao ser repreendido por beber demais, o escritor Lima Barreto, (...) redator constante em *A Plebe* e *A Lanterna*, respondeu: “o que prejudica nossa literatura não é a cachaça. É a burrice!”⁵⁴.

Lúcia:

Em seus escritos, Barreto defendeu bêbados, artistas, homens e mulheres pobres dos ataques diários da imprensa burguesa e do acossamento policial.

Leandro:

Décadas depois, no rescaldo do fogo liberador de 1968, o jornal *O Inimigo do Rei* lidou de outra maneira com as substâncias identificadas como drogas. “Você pode fumar um baseado! Desde que não seja governnista ou trotskista”.



La Phalange

Helena:

Paris, 1836, jornal fourierista *La Phalange*:

Sofia:

“Uma criança de treze anos, sem domicílio nem família, acusada de vadiagem e que uma condenação a dois anos de correção sem dúvida a colocou por muito tempo nos circuitos da delinquência.

Bia:

– (...) Qual é a sua profissão?

Gus:

– Minha profissão? Em primeiro lugar, tenho trinta e seis; mas não trabalho para ninguém. Já faz algum tempo, estou por minha conta. Tenho minhas ocupações de dia e de noite. Assim, por exemplo, de dia distribuo impressos grátis a todos os passantes; corro atrás das diligências que chegam para carregar os pacotes: dou o meu show na avenida (...); de noite, são os espetáculos; vou abrir as portas, vendo senhas de saída; sou muito ocupado.

Bia:

– Seria melhor para o senhor estar colocado numa boa casa e lá fazer seu aprendizado.

Gus:

– Ah, é sim, uma boa casa, um aprendizado, é chato (...) esses burgueses resmungam sempre e eu fico sem a minha liberdade.

Bia:

– Seu pai não o chama?

Gus:

– Não tenho mais pai.



Libertárias

Bia:

– É sua mãe?

Gus:

– Também não, nem parentes, nem amigos, livre e independente.

Bia:

(...) Dois anos de correção (...).

Gus:

‘Dois anos nunca duram mais que vinte e quatro meses. Vamos embora, vamos indo’.

Lúcia:

(...) Sem dúvida as análises de *La Phalange* não podem ser consideradas representativas das discussões que os jornais populares faziam na época sobre os crimes e a penalidade.

Flávia:

(...) [Mas os] anarquistas (...) na segunda metade do século XIX, (...) tomando como ponto de ataque o aparelho penal, colocaram o problema político da delinquência;

Mayara:

quando pensaram reconhecer nela a forma mais combativa de recusa da lei;

Leandro:

quando tentaram, não tanto heroicizar a revolta dos delinquentes quanto desligar a delinquência em relação à legalidade e à ilegalidade burguesa que a haviam colonizado;

Flávia:

quando quiseram restabelecer ou constituir a unidade política das ilegalidades populares⁵⁵.



um clichê

Acácio:

“Um clichê: se um extraterreno chegasse por aqui e entrasse num escritório de secretaria ou ministério de educação, notaria que quase não falta escola, professor, funcionário, psico-pedagogo, assistente, supervisor, secretária, material didático, comida, comida, comida e concluiria, sem precisar visitar uma escola, que as crianças dessa terra são cuidadas com zelo, carinho, instrução... Fim do clichê: não há extraterreno; existem milhares ou milhões de crianças pelos lixos, pelas ruas, pelos prostíbulos para serem comidas por homens e mulheres famintos de sexo; cortiços, favelas, ou para ser correto, comunidades; vielas, avenidas largas com carros poderosos, de famílias poderosíssimas, que as devoram, que delas compram drogas, que lhes dão drogas, bebidas e comidas e roupas e armas; e outros miseráveis que pegam essas crianças para comer, matar, incendiar, escravizar, fazê-los sicários, falcões, aviões, moleques de recado; brancos, pretos, mulatos, quase totalmente pretos, ou sei lá, qualquer coisa que a ação afirmativa ainda não pegou, mas que a polícia pega, come, aprisiona, mata, negocia, chuta e chupa, cospe, vomita, e bate, como bate o pai, a mãe, o avô, avó, tio e tia, responsável, madrasta e padrasto, o irmão mais velho, mais novo, todos eles de qualquer classe social e, de vez em quando, matam; eles querem comer essas crianças; os padres comem as crianças, os pastores comem as crianças, e todos querem salvar a moral; elas existem para que isso continue, para que elas continuem existindo e dando continuidade a isso, matando, tomando, batendo, chutando, socando, esfaqueando, quem passar pela sua frente num momento azarado para ambos; não há programa, merenda, recuperação escolar, conselho tutelar, conselho escolar, conselho para dar e vender, polícia e psicólogo e pedagogo e humanitários, humanistas, que façam com que isso deixe de existir, que pare de acontecer; como parar de parir crianças podres, fetos fedidos, abortos inacabados, libidinosas virgens infantis, putinhas



Libertárias

e putinhos, da alta e da baixa, do alto e de baixo?; onde eles enfiarão o sangue, o suor, a merda dessa gente?; quem olha pra tudo isso (...) [quer] acabar com eles, matá-los, prendê-los, interná-los, desaparecer com eles, dar cabo deles, sumir deles, interná-los no inferno para clarear seu plúmbeo céu”⁵⁶.

Todos:

“Aos anarquistas cabe inventar vida neste funeral”⁵⁷.

conversa o abolicionista

Gus:

Proudhon, preso em 1849 pelo governo de Napoleão III;

Mayara:

Bakunin, no mesmo ano, em Chemnitz, depois transferido para a Áustria e dali para a Fortaleza de Pedro e Paulo, na Rússia, mesma prisão para onde foi enviado Kropotkin, em 1873.

Flávia:

Na ultrapassagem do século XIX, Malatesta, preso em Trani, Bologna e, nos anos 1920 até a sua morte, em 1932, preso em sua própria casa durante o fascismo italiano.

Bia:

Em 1892, Alexander Berkman, em Pitsburg.

Lúcia:

Emma Goldman, presa seis vezes entre 1893 e 1921. Foi perseguida pelo FBI e acusada de incitar rebeliões, defender e propagar o controle da natalidade e o antimilitarismo.

Leandro:

Em 1907, no Brasil, a lei 1641, conhecida como Adolfo Gordo, deportava os imigrantes anarquistas indesejados, portanto subversivos. Dezenas de militantes foram en-



cerrados em campos de concentração, inclusive no Brasil, como em 1929, na Clevelândia, Pedro Augusto Motta, Nicolau Paredas e Domingos Passos.

Gus:

Desde a metade do século XIX até hoje, estes e inúmeros outros anarquistas, como os *black blocs*, constituíram um dos alvos privilegiados do sistema penal. E mesmo perseguidos, muitas vezes presos, conseguem escapar.

Flávia:

A abolição da prisão, “desde o século XIX, foi colocada pelos anarquistas e por socialistas voltados a esclarecer que o *crime* contra a sociedade não é o do infrator, mas o do capitalista e de *seu* sistema penal.

Lúcia:

(...) [Os anarquistas] inventaram uma *cultura libertária* que prescinde de punições nas relações com crianças, jovens, em suas escolas, em suas associações (...).

Bia:

Um dos começos da perspectiva do abolicionismo penal são os anarquistas “e suas críticas às instituições austeras, como prisões, manicômios e asilos”⁵⁸.

Gus:

Entre os anarquistas é conhecida a história dos camponeses de um vilarejo belga que libertaram os doidos. “Os camponeses (...) abriram-lhes as portas de suas casas pobres, ofereceram-lhes um lugar à sua mesa, uma cama onde pudessem dormir, um lugar em suas fileiras para que cultivassem a terra, deixaram que frequentassem suas festas e bailes”⁵⁹.

Lúcia:

Sabe qual foi o remédio?



Leandro:

“A liberdade –, mas as pessoas cultas preferiam atribuir a cura à influência divina”⁶⁰ ou às artimanhas científicas do encarceramento.

Gus:

A partir desta história contada pelos anarquistas, Kropotkin, ao ser questionado sobre “o que fazer para melhorar o sistema penal”, concluiu: “nada. É impossível melhorar uma prisão. Não se pode fazer absolutamente nada além de demoli-la”⁶¹.

Mayara:

O percurso abolicionista atualiza os embates anarquistas contra os castigos. No final do século XVIII, William Godwin afirmou:

Gus:

A punição é um motivo baixo e deplorável que transforma o homem “em um escravo, devotado a um interesse próprio exclusivo e movido pelo medo”⁶²,

Mayara:

O abolicionismo penal é bastante recente, aparece após a 2ª Guerra Mundial com Louk Hulsman.

Sofia:

Louk Hulsman era um jurista holandês que, assim como os anarquistas, a partir de experiências como a sobrevivência no internato e a fuga de um campo de concentração, fez de “seu conhecimento sobre o tribunal, as penas, as punições e a moral do bem e do mal um equipamento [crítico para a elaboração de] uma linguagem inventiva e práticas destinadas a convulsionar o sistema penal.

Mayara:

(...) [Com Hulsman, o abolicionismo] introduziu outros modos de pensar em uma época propícia a experimentações a partir dos diversos protestos, levantes, convulsões sociais que expressavam a insatisfação jovem e salutar contra o ca-



pitalismo e sua democracia, contra o socialismo autoritário e sua planificação”⁶³.

Helena:
Louk Hulsman, 1993:

Leandro:
“Minha linguagem é certamente menos utópica do que a linguagem tradicional, notadamente a do sistema penal, que se apoia em um pretense consenso absolutamente irreal...”⁶⁴.

Flávia:
O crime é uma construção histórica e o sistema penal é seletivo.

Bia:
Pretende atingir “aqueles vistos como perigosos,

Leandro:
suspeitos,

Mayara:
anormais,

Lúcia:
sediciosos,

Gus:
indecentes, libidinosos,

Todos:
subversivos”⁶⁵.

Flávia:
Hoje, ainda, libertários seguem como alvo do acossamento da polícia, das violências do Estado e da seletividade do sistema penal. Seguem para acabar com qualquer prisão.



Helena:

Carolina Forné Roig, Prisão Brian, Barcelona, 2003:

Sofia:

“Que o teu sorriso se una ao meu
para se converter em gargalhada.
É que essas gargalhadas indomáveis
sejam as que voem para longe...
e que longe cheguem, para explodirem
sobre aqueles que quebraram os nossos olhares.
Olhares quebrados por grades.
Mas olhares LIVRES,
com brilho subversivo,
com ideias firmes”⁶⁶.

Flávia:

“Não pedimos permissão para ser livres, e nem pediremos
perdão por sê-lo”⁶⁷.

ação direta

Flávia:

“Toda pessoa que planejou fazer qualquer coisa,

Lúcia:

e foi e fez,

Flávia:

ou pôs seu plano em execução antes de outros, e ganhou a
cooperação e colaboração de outras pessoas,

Lúcia:

sem apelar para autoridades, pedir licença ou agradá-las,

Flávia:

foi um praticante da ação direta.



Gus:

(...) Todo indivíduo que em sua vida teve uma diferença com qualquer outra pessoa, e diretamente procurou outras pessoas para envolvê-las na luta, através de um plano pacífico ou não, colocou a ação direta em prática”⁶⁸.

Sofia:

A anarquia é uma atitude que se faz por meio da ação direta, recusa representações.

Bia:

Historicamente, greves e boicotes são exemplos de ação direta.

Leandro:

Por meio da ação direta e da autogestão, os anarquistas experimentam outras formas de relacionamentos, de educação, de trabalho.

Sofia:

Os anarquistas potencializam uma *cultura libertária*, “não como um conjunto de saberes e de práticas que caracterizam uma forma, mas o campo de luta no qual se dá forma à liberdade de cada um”⁶⁹.

Flávia:

Hoje, os *koukouloforos* e a Conspiração das Células de Fogo na Grécia praticam a ação direta “atacando (...) prédios do Estado (...), lojas de multinacionais e sedes de partidos de esquerda e de direita. Criticam o próprio movimento anarquista e as pautas reivindicatórias dos protestos sociais”⁷⁰.

Mayara:

Encapuzados, os que praticam a tática *black bloc* em todos os cantos do planeta “ganharam notoriedade pública em meio ao movimento antiglobalização no episódio conhecido como *Batalha de Seattle*, em 1999,



Libertárias

Gus:

(...) quando (...) atualizaram a prática anarquista de *ação direta* pela revolta”⁷¹.

Flávia:

Escandalizadoras são as obras por ação direta do coletivo russo de artistas de rua anarquistas, Voina, e da associação separatista feminista de garotas incógnitas, Pussy Riot. Combatem o Estado, a polícia e a sociabilidade autoritária na atual democracia russa.

Bia:

Contra a tortura e o confinamento de animais que servem ao consumo e ao luxo do bicho-gente, anarquistas ecologistas destroem laboratórios de pesquisas; atacam caçadores, “criadores” e suas propriedades, e fashionistas que vestem peles alheias. Eles libertam animais encarcerados.

Gus:

Yekineyên Parastina Jin, associação anarquistas de mulheres guerrilheiras, em Kobane, no Curdistão, resiste aos ataques do Estado Islâmico e seu terror de Estado transterritorial.

Sofia:

Anarchists Against the Wall, associação de israelenses contrários aos muros da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

Leandro:

Anticapitalistas, anarquistas vivem em *squatters* na Europa e na América, praticam saques e o *freeganismo*. Recusam o capital.

Mayara:

Aqui e ali, lá e acolá, não cessam de inventar práticas, ações diretas, experimentações, modos de vida. Irrumpem suas revoltas, por vezes inomináveis.



Sofia:

“Cabe [aos jovens] (...) descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas”⁷².

Gus:

“Não atue.

Todos:

Aja.

Sofia:

Não crie.

Todos:

Viva.

Leandro:

Não imite a vida.

Todos:

Viva.

Bia:

Não crie imagens de idolatria.

Todos:

Seja”⁷³.

um teatro

Sofia:

O teatro sempre foi um espaço de práticas anarquistas.

Bia:

A montagem de textos assinados por sapateiros, operários, gente desconhecida, apresenta questões próprias àqueles envolvidos nas lutas.



Sofia:

Apresenta, para além da militância, uma singular preocupação anarquista: a socialização do que há de mais sofisticado.

Mayara:

E o mais sofisticado para os anarquistas era e é distinto daquilo defendido por burgueses, consumidores dependentes de grifes, viciados em shoppings, intelectuais de coluna social.

Gus:

Você pode perguntar: o que é sofisticação? Quem deu uma das mais precisas definições foi o garçom anarquista Felipe Gil de Souza Passos.

Bia:

“Muitos de nossos camaradas que tomando do anarquismo somente o seu aspecto social, atiram para planos inferiores a sua finalidade estética; [e concebem] o anarquismo senão como um ideal de famintos, apenas como instrumento de reivindicações proletárias, encerrado num problema econômico e moral das massas trabalhadoras”⁷⁴.

Sofia:

Assim como José Oiticica no Rio de Janeiro, em São Paulo, os anarquistas Afonso Festa e Pedro Catallo foram dois dos principais animadores do teatro anarquista. Catallo, certa vez, contou:

Bia:

“Foi [numa] oficina situada na rua Xavantes, [no Brás,] que por iniciativa e sugestão de Afonso Festa fundamos um grupo de teatro amador.

Gus:

(...) A polícia de São Paulo não descansava na perseguição, e procurava por todos os meios cercar nossa propaganda e a vida dos nossos sindicatos.

Sofia:

(...) Numa das vezes que fui preso, o policial Gentile, que



estava furibundo pelas peças que seguidamente lhe pregavam o Festa e João Peres, me disse:

Leandro:

‘pode avisar o Festa que na próxima vez que o agarrarmos ele vai para Itália’.

Sofia:

(...) Naquele tempo (...) o princípio federalista era respeitado no Brasil.

Gus:

Um preso que conseguisse passar de um Estado para outro não poderia ser preso, a não ser pela polícia daquele Estado e por faltas cometidas no mesmo Estado.

Sofia:

Por esse motivo, simpaticamente federalista, é que o Festa e o Peres puderam zombar da polícia paulista inúmeras vezes.

Gus:

Mas Afonso Festa havia voltado e a promessa feita pelo ‘tira’ Gentile estava de pé. (...) Festa foi deportado para a Itália. Recordo-me que houve um acordo entre ele e sua companheira, Victória Guerrero:

Sofia:

‘na hora da última despedida na estação, nem uma lágrima, nem uma demonstração de fraqueza’. Essa decisão foi tomada por ambos para não aumentar a alegria e o ‘triumfo’ dos policiais ali presentes. E foram fortes os dois, cumpriram admiravelmente o que se prometeram”⁷⁵.

percursos

Bia:

“Não é mais um barco que nos leva a surpreendentes e até exóticos pontos”⁷⁶.



Libertárias

Flávia:

Bakunin fugiu da fortaleza de Pedro e Paulo, desembarcou no Japão, passou pelos Estados Unidos, retornou à Europa e, no caminho, encontrou amigos libertários com quem dividiu um dos seus maiores prazeres: comer ostras.

Mayara:

Malatesta fugiu de Esmirna, na Turquia, em direção a Genebra para encontrar Kropotkin e publicar *Le Révolté*. Depois foi expulso da Suíça, desembarcou na Romênia, de onde partiu para Paris e agitou a cidade como orador de rua.

Todos:

A classe operária não vai ao paraíso!

Leandro:

“Os anarquismos [, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial,] foram inventores de heterotopias intensas, do lado de fora da sociedade disciplinar e inspiradores nas revoltas de 1968.

Sofia:

O que estava esboçado na sociedade disciplinar por artistas e socialistas libertários ganhará agora outra dimensão, a da intensidade diante da velocidade (...).

Lúcia:

Os anarquismos vivem na sociedade de controle não mais pelos lugares em que criavam heterotopias, mas por percursos em que inventam experimentos.

Gus:

O libertário contemporâneo vive em percurso. Está na universidade, na associação cultural, nos institutos, nas casas, nas relações amorosas, entre amigos, nas redes de internet, nos *sites*, nas ruas.

Bia:

Não há futuro, só presente, com heterotopias que reviram pelo avesso os consolos utópicos dos lugares irreais, para



acontecer nestes e naqueles lugares na atualidade, e por este percurso, caminho do andarilho, surpreender os itinerários dos viajantes”⁷⁷.

o que nenhum escritor escreveu

Lúcia:

“Desconhecidos são os que falam aqui:

Flávia:

(...) O romance como colagem apoia-se em reportagens, discursos, entrevistas e proclamações.

Lúcia:

Alimenta-se de cartas, descrições de viagens, anedotas, panfletos, polêmicas, notícias de jornal, autobiografias, cartazes e folhetos de propaganda política. (...)

Gus:

O próximo a transmitir a história, pelo fato de aceitá-la ou recusá-la, lembrar-se ou ter-se esquecido dela, não prestar atenção ou continuar a narrá-la, este próximo, e provisoriamente o último da série, é o leitor [, você].

Acácio:

(...) Tudo o que aqui está escrito passou por outras mãos e mostra as marcas do seu uso. Este romance já foi escrito mais de uma vez e por um número muito maior de pessoas do que as citadas”⁷⁸.

Leandro:

Por vezes, alguém decide escrever sobre um “curto verão da anarquia”, um acontecimento extraordinário. Entretanto, muitos seguem escrevendo com a própria vida o calor de experiências anarquistas que talvez um dia alguém conte a ouvidos atentos...



Libertárias

Bia:

“A vida anarquista é fogo, aquece a água, precisa de ar e germina a terra.

Mayara:

(...) Explode como bomba, demole para inventar (...)

Lúcia:

Estalar anarquismos.

Leandro:

Os anarquistas preservam suas memórias fazendo anarquia,

Mayara:

desdobrando práticas, inventando lutas, remexendo na história apaziguada, e experimentando a liberdade no presente (...) [sem] ficar reduzido[s] a lembranças do passado e nostalgia de futuro.

Flávia:

(...) Num mundo onde a democracia é a panaceia, ela virou a medida de todas as coisas,

Sofia:

ser anarquista ficou muito fácil e, paradoxalmente, muito difícil. [Mas é uma de-lí-cia.]

Acácio:

(...) Somos propiciadores de éticas libertárias que nos fazem, no presente, como o assombro e o estalo”⁷⁹.

Gus:

Rumo a outros espaços, outras viagens, outras palavras.

Todos:

Saúde!

FIM



Notas

¹ Aula-teatro 18 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Cecília Oliveira, Mayara de Martini Cabeleira, Ricardo Abussafy, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Mayara de Martini Cabeleira e Sofia Osório. Produção Gráfica: Andre Degenszjain. Operadora de luz: Helena Wilke. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Ambientação: Edson Passetti.

² Pierre-Joseph Proudhon. “Ser governado” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 3, 2003, p. 10.

³ Pierre-Joseph Proudhon. “Confissões de um revolucionário” in João R. A. Borba. *Teatralidade e poder em ‘Confissões de um Revolucionário’, de P-J Proudhon*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-SP, 2001, p. 104.

⁴ Edson Passetti. “Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 4, 2003, pp. 32-38.

⁵ Edson Passetti. “Arthur Cravan, um andarilho urgente” (seção Intempestivo) in *Revista Ecológica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 3, 2012. Disponível em: http://www.pucsp.br/ecopolitica/revista_ed3_IntempestivoArthurCravan.html (acesso em: 28/08/2015).

⁶ Edson Passetti, 2003, op. cit., p. 38.

⁷ Michel Foucault. “Outros Espaços” in Manoel Barros da Motta (org.). *Ditos e escritos III – a Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006, p. 411.

⁸ Edson Passetti. “Heterotopias anarquistas” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 2, 2002, p. 142.

⁹ Edson Passetti, 2003, op. cit., p. 47.

¹⁰ Christian Ferrer. “Mistério e hierarquia” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 1, 2002, pp. 226-227.



Libertárias

¹¹ Edson Passetti. “Natureza, pensamento e política” in *Revista Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 7, 2013, p. 34. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/17764> (acesso em: 23/08/2015).

¹² Idem, p. 34.

¹³ Ibidem, p. 35.

¹⁴ Nu-Sol. “Comuna de Paris, entre nós” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 19, 2011, pp. 13-15.

¹⁵ Edson Passetti, 2013, op. cit., p. 34.

¹⁶ Edson Passetti e Paulo-Edgar Resende (orgs.). *Proudhon*. São Paulo, Ática, 1986, p. 19.

¹⁷ Émile Armand. “Anarchist Individualism and Amorous Comradeship” in *Anarchist Library*. New York, 2004 (tradução livre do inglês de Helena Wilke). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emile-armand-anarchist-individualism-and-amorous-comradeship#toc51> (acesso em: 05/07/2015).

¹⁸ Thiago Rodrigues. *Guerra e política nas relações internacionais*. São Paulo, Educ, 2010, p. 258.

¹⁹ “International Anarchist Manifesto Against the First World War” in *Robert Graham's Anarchism Weblog*. New York, 07/08/2014 (tradução livre de Helena Wilke). Disponível em: <https://robertgraham.wordpress.com/2014/08/07/international-anarchist-manifesto-against-the-first-world-war/> (acesso em: 03/09/2015).

²⁰ Rudolf Rocker. *As Idéias Absolutistas no Socialismo*. Tradução de Nicolau Bruno. Brasil, eBooksBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/rocker.html> (acesso em: 14/09/2015).

²¹ Roberto Freire. *Os Insurgentes*. São Paulo, Nu-Sol/TV PUC, 2007.

²² Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 132.

²³ Max Stirner. *O único e a sua propriedade*. Tradução de João Barrento. São Paulo, Martins Fontes, 2009, p. 322.

²⁴ Michel Foucault. “É inútil revoltar-se?” in Manoel Barros da Motta (org.). *Ditos e escritos V – Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e



Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004, p. 77.

²⁵ Hakim Bey. *TAZ*. Tradução de Patricia Decia e Renato Resende. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2001, p. 18.

²⁶ Idem, p. 15

²⁷ Ibidem, pp. 17-18.

²⁸ Ibidem, pp. 57-58.

²⁹ Ibidem, p. 28.

³⁰ Ibidem, p. 28.

³¹ René Char. “transgressão” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 17, 2010, p. 45.

³² Luíza Uehara. “A presença de *La Ruche*: experiências anarquistas” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 18, 2010, p. 99.

³³ Max Stirner, 2009, op. cit., p. 236.

³⁴ Emma Goldman. “The Child and its enemies” in *Mother Earth*. New York, v. 1, n. 2, 1906. Disponível em: <http://catalog.hathitrust.org/Record/009469762> (acesso em: 26/08/2015).

³⁵ Michel Foucault, 2004, op. cit., p. 295.

³⁶ Florentino de Carvalho. “É preciso escandalizar” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 15, 2009, p. 224.

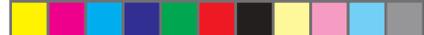
³⁷ Edson Passetti. “Anarquismos” in *Libertárias*. São Paulo, Imaginário, 1999, pp. 6-7.

³⁸ Sébastien Faure apud George Woodcock. *Os grandes escritos anarquistas*. Tradução de Júlia Tettamazi e Betina Becker. Porto Alegre, LP&M, 1981, p. 58.

³⁹ José Maria Carvalho Ferreira. “Anarquia, anarquismos e tolerância” in Edson Passetti e Salette Oliveira (orgs.). *A tolerância e o Intempestivo*. Cotia, Ateliê Editorial, 2005, pp. 122-125.

⁴⁰ Émile Armand, 2004, op. cit.

⁴¹ Jaime Cubero. “Razão, paixão e anarquismo” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 21, 2012, p. 44.



Libertárias

- ⁴² América Scarfó in “América Scarfó, *uma experiência*” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 14, 2008, pp. 53-59.
- ⁴³ Émile Armand in “América Scarfó, *uma experiência*” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 14, 2008, p. 57.
- ⁴⁴ Han Ryner. “Amor” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 21, 2012, pp. 31-35.
- ⁴⁵ Queer International. “Queer ultraviolence” in *La Rebelión de las Palabras*. Barcelona, s/d, p. 09 (tradução livre de Flávia Lucchesi). Disponível em: <http://vozcomoarma.blogspot.com.br/2013/02/fanzine-ultraviolencia-queer.html> (acesso em: 08/07/2015).
- ⁴⁶ Nu-Sol. *Direitos, casamentos e igualdades: quem escapa da força? (hypomnemata 178)*. São Paulo, julho de 2015. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=212> (acesso em: 26/08/2015).
- ⁴⁷ Queer International, s/d, op. cit.
- ⁴⁸ Manada de Lobxs. *Foucault para encapuchadas*. Buenos Aires, Milena Caserola, 2014, p. 29 (tradução livre de Flávia Lucchesi).
- ⁴⁹ Michel Foucault, 2004, op. cit., p. 284.
- ⁵⁰ Guglielmo Marroco. “Entre operários (diálogo)” in *O Amigo do Povo*. São Paulo, n. 6, 1902 apud Vários Autores. *Contos anarquistas: temas e textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935)*. São Paulo, Martins Fontes, 2011, p. 11.
- ⁵¹ Margareth Rago e Maria Clara Pivato Biajoli. *Mujeres Libres da Espanha: documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2008, pp. 31-33.
- ⁵² Sara Berenguer apud Margareth Rago e Maria Clara Pivato Biajoli, 2008, op. cit., pp. 31-33.
- ⁵³ *A vida*. Rio de Janeiro, 1914, p. 8 apud Centro de Memória Sindical e Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro de Milão (orgs.). *A vida - Periódico Anarquista (Edição Fac-similar)*. São Paulo, Editora Ícone, 1988.
- ⁵⁴ Winter Bastos e Nalini Narayan. *Malandragem, revolta e anarquia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2005, p. 69.
- ⁵⁵ Michel Foucault. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 318-319.



⁵⁶ Edson Passetti e Acácio Augusto. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, pp. 117-118.

⁵⁷ Idem, pp. 99-100.

⁵⁸ Edson Passetti. “O abolicionismo penal é viável, possível e urgente” (entrevista) in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, Unisinos, 2015. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6099&secao=471 (acesso em: 04/09/2015).

⁵⁹ Piotr Kropotkin apud Nu-Sol. *Ciência, apoio mútuo e anarquia (hypomnemata 168)*. São Paulo, julho de 2014. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=201> (acesso em: 26/08/2015).

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Ibidem.

⁶² William Godwin. “De crimes e punições” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 5, 2004, p. 51.

⁶³ Edson Passetti, 2015, op. cit.

⁶⁴ Louk Hulsman. “Entrevista com Louk Hulsman” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 2, 2002, p. 201.

⁶⁵ Nu-Sol. “abolicionismo penal” in *verbetes*. São Paulo. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=48> (acesso em: 03/09/2015).

⁶⁶ Carolina Forné Roig. “Libertatia” in *Os Ases Perdidos*. Brasil, 2008. Disponível em: http://thelostaces.blogspot.com.br/2008_09_01_archive.html (acesso em: 03/07/2015).

⁶⁷ Carolina Forné Roig in *Gabitos*. Argentina, 2006. Disponível em: <http://www.gabitos.com/LACUBADELGRANPAPIYO/template.php?nm=1158251129> (acesso em: 03/07/2015).

⁶⁸ Voltairine De Clayre. “Direct Action” in *Anarchist Library*. New York, 2009 (tradução livre de Helena Wilke). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-direct-action> (acesso em: 05/07/2015).

⁶⁹ Acácio Augusto. “Anarquismo contemporâneo, pós-anarquismo, neoanarquismo... Para travar neologismos” in *Revista Ecológica*. São Paulo,



Libertárias

Nu-Sol, n. 10, 2014, p. 5. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/21729> (acesso em: 02/09/2015).

⁷⁰ Acácio Augusto. “O conhecimento sobre o Homem, o *novo homem* e o combate à humanidade” in Alfredo Veiga-Neto, Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero (orgs.). *Michel Foucault e os saberes do homem*. Belo Horizonte, Autêntica, 2016 (no prelo).

⁷¹ Edson Passetti e Acácio Augusto. “O drama da *multidão* e os trágicos *black blocs*: a busca do constituinte como destino e a ação direta” (seção Paisagens) in *Revista Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 9, 2014. Disponível em: http://www.pucsp.br/ecopolitica/galeria/galeria_ed9.html (acesso em: 02/09/2015).

⁷² Gilles Deleuze. “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle” in *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 2010, p. 230.

⁷³ Julian Beck e Judith Malina. “Mensagem aos atores” in Ilion Troya (seleção e notas). *Fragments da vida do Living Theatre*. 25º Festival de Inverno da UFMG. Ouro Preto/Minas Gerais, Imprensa Universitária, 1993, p. 26.

⁷⁴ Felipe Gil de Souza Passos. “O anarquismo como expressão artística” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 10, 2006, pp. 212-214.

⁷⁵ Pedro Catalo. “Subsídios para a história do movimento social no Brasil” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007, pp. 29-32.

⁷⁶ Edson Passetti, 2003, op. cit., p. 49.

⁷⁷ Idem, pp. 49-54.

⁷⁸ Hans Magnum Enzesberger. *O curto verão da anarquia*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 14-18.

⁷⁹ Edson Passetti e Acácio Augusto. “estalar anarquismos” in *letralivre*. Rio de Janeiro, Achiamé, n. 50, 2009, pp. 46-48.

***Libertarians*, Flávia Lucchesi, Helena Wilke, Gustavo Simões & Lúcia Soares.**



